

| | | | | | | | |
|---|--|--|---|--|---|---|---|
| Bolsas Na sexta-feira São Paulo Nova York | Bovespa Índice Bovespa nos últimos dias (em pontos) 61.954 (22/11) — 61.557 (25/11) | Salário mínimo Na sexta-feira R\$ 880 R\$ 3,414 (▲ 0,58%) | Dólar Últimas cotações (em R\$) 18/novembro 3,38 21/novembro 3,35 22/novembro 3,35 23/novembro 3,39 24/novembro 3,39 | Euro Comercial, venda na sexta-feira R\$ 3,623 | Capital de giro Na sexta-feira 17,54% | CDB Prefixado 30 dias (ao ano) 13,07% | Inflação IPCA do IBGE (em %) Junho/2016 0,35 Julho/2016 0,52 Agosto/2016 0,44 Setembro/2016 0,08 Outubro/2016 0,26 |
|---|--|--|---|--|---|---|---|

TENDÊNCIA / A economia criativa e colaborativa e o compartilhamento se consolidam como alternativas de geração de renda em tempos de desemprego em alta e de desmonte das cadeias produtivas tradicionais diante das novas tecnologias

Todos os caminhos levam ao coletivo

» SIMONE KAFRUNI

Em uma sociedade onde as cadeias produtivas tradicionais estão se deteriorando diante das inovações tecnológicas da era digital e na qual as pessoas buscam qualidade de vida e a realização de sonhos, a economia criativa e colaborativa se consolida como uma opção segura para enfrentar os novos tempos. Não importa se o compartilhamento parte da união de talentos com foco em um mesmo setor ou de um ambiente capaz de abrigar diversas manifestações criativas, ou, ainda, da colaboração espontânea para o financiamento de ideias, o fato é que todos os caminhos levam ao coletivo para driblar o aumento do desemprego e o desmonte do modelo convencional de trabalho.

Não à toa, o mercado da indústria criativa cresceu 90% entre 2004 e 2013, com quase 1 milhão de profissionais formais, de acordo com dados do Mapeamento da Indústria Criativa no Brasil da Federação das Indústrias do Rio de Janeiro (Firjan). Apesar disso, no país, o conceito de economia criativa ainda está sendo formado e representa uma mudança radical da cultura industrial fordista, explica a ex-secretária de Economia Criativa do Ministério da Cultura (MinC) Claudia Leitão, professora da Universidade Federal do Ceará (UFCE). "O trabalho está se transformando. As pessoas não priorizam mais carteira assinada ou o serviço público. Estão percebendo que é possível ser feliz fazendo o que gostam, empreendendo, desenvolvendo um setor", diz.

Num primeiro momento, o impulso parte daqueles que se aposentam e abrem negócios que foram sonhos de infância ou de funcionários que aderem a planos de demissão incentivada e investem no que os fazem felizes, ou mesmo de quem perde o emprego e precisa buscar novas fontes de renda. "Agora, já é uma tendência, uma escolha de vida, trabalhar com o que faz melhor, agregar valor a uma produção diferenciada. Na verdade esses setores criativos sempre existiram — alimentos, artes, cultura, moda, design, tecnologia. Nada é novo, mas eles demonstram ao longo das crises econômicas que são mais resistentes do que os tradicionais", aponta Claudia.

Paradigma

Essa mudança de paradigma foi o que impulsionou o artista Anderson Formiga a montar um coletivo cultural. "Quando saí do governo, voltei para o mercado de produção cultural. Numa conversa com um amigo, percebi que a gente estava afinado, que identificava os mesmos problemas na área cultural. Foi quando resolvemos reunir vários profissionais do setor, cada um com sua competência em cada segmento, num espaço único", conta.

Referência em arte popular, Anderson convidou Karita Pascollato, especialista em teatro, música e elaboração de projetos, para compor o coletivo. Surgiu o Desenrola Serviços Culturais,

que, além dos dois, conta com Gustavo Vidigal, gestor cultural e pesquisador, Camila Portela, advogada especialista em processos culturais, o músico Lucas Formiga, o diretor de teatro e acadêmico de artes cênicas Cleber Lopes, e o diretor de fotografia Alex de Oliveira, ligado à área audiovisual. O objetivo dessa equipe empreendedora Anderson resume bem: "Transformar a cidade por meio da arte, gerando renda e felicidade".

Karita explica que a diminuição de custos com a estrutura do escritório foi relevante inicialmente. O mais profícuo, no entanto, é a colaboração de todos, emenda. "A gente desenvolve projetos para outras pessoas, mas quando estamos reunidos as ideias se multiplicam. Criamos um banco enorme de projetos novos. Além disso, como cada um tem uma expertise diferente, lastreada na cultura e na economia criativa, a gente se inclui uns nos projetos dos outros. É uma rede pronta para atuar já que temos uma ficha técnica completa", afirma. Nos períodos em que o volume de trabalho aumenta, o grupo gera emprego ao contratar mais produtores e colaboradores.

A liberdade e autonomia para trabalhar como quer, fazer parcerias e não estar submetida a um governo ou a um chefe é o que motiva Karita. "A gente percebe que as pessoas estão cada vez mais infelizes. A estabilidade não traz felicidade. Essa forma coletiva de trabalho não é estável, mas garante uma qualidade de vida muito maior", ressalta.

Catalisador

O conceito de coletivo não é novo, mas foi catalisado pelas tecnologias digitais, explica a professora da Fundação Getúlio Vargas (FGV/SP) Ana Carla Fonseca, diretora da Garimpo de Soluções, empresa privada pioneira em economia criativa, com 13 anos de trabalho em 172 cidades de 30 países. A especialista explica que prefere o termo compartilhado à colaborativa. "Colaboração remete a sem fins lucrativos e nem sempre é o caso", ressalta.

A economia compartilhada, acrescenta Ana Carla, se beneficia das tecnologias digitais ao aproximar oferta e demanda sem a necessidade dos usuais gargalos de distribuição, facilitando a circulação das informações, como negócios como Uber e Airbnb. "No caso da economia criativa, o estopim foram as tecnologias digitais, que elevaram a globalização e a concorrência a níveis inéditos, abrindo um novo leque de possibilidades", conta.

A professora destaca que as marcas mais valiosas do mundo lidam com as grandes formas de expressão da criatividade humana: ciência e tecnologia (Apple, Samsung) e cultura e a capacidade de criar narrativas (Disney, Coca-Cola). "A economia criativa contempla os produtos e serviços que se baseiam no talento criativo para oferecer diferenciação e valor agregado", ensina Ana Carla.

Minervino Junior/CB/D.A Press - 25/10/16



Anderson Formiga e Karita Pascollato (ambos de branco) montaram o Desenrola Serviços Culturais, grupo que desenvolve projetos na área de cultura

Mundo moderno

Empreendedorismo, criatividade e colaboração são os caminhos para o futuro

Num mundo onde as atividades econômicas tradicionais estão ameaçadas, surgem novas formas de produção: a economia criativa e a colaborativa

Ambientes de trabalho divididos entre profissionais de várias áreas garantem oportunidade de crescimento e compartilhamento de ideias, além de redução de custos

Intercâmbio e aproveitamento de especialidades de cada profissional dão mais robustez aos projetos, além de envolver um consumo inteligente de serviços de apoio

Tanto a economia criativa quanto a colaborativa, ou compartilhada, são catalisadas pelas tecnologias digitais

Economia criativa é um novo paradigma econômico, elevado pelas tecnologias digitais

A economia compartilhada se beneficia das tecnologias digitais ao aproximar oferta e demanda sem a necessidade dos usuais gargalos de distribuição, facilitando a circulação de informações

A partir dela, surgem novos modelos de negócios que minam as indústrias tradicionais, como o Airbnb e o Uber, e causam impactos na rede hoteleira, no transporte por táxi e em aluguel de carros

Nela, o ativo econômico passou a ser a capacidade criativa humana de gerar propostas, produtos e serviços diferenciais e com valor agregado

A economia criativa contempla os produtos e serviços que se baseiam no talento criativo para oferecer diferenciação e valor agregado

Fontes: Garimpo de Soluções, Espaço Multiplicidade e especialistas



A estabilidade não traz felicidade. Essa forma coletiva de trabalho não é estável, mas garante uma qualidade de vida muito maior

Karita Pascollato, especialista em elaboração de projetos culturais

Setor dobra de tamanho

A indústria criativa praticamente dobrou de tamanho em 10 anos, com crescimento de 90%, aponta pesquisa da Federação das Indústrias do Rio de Janeiro (Firjan). O levantamento divide o setor em quatro grandes áreas: consumo (arquitetura, publicidade, design, moda); cultura (patrimônio e artes, artes cênicas, música, expressões culturais); mídias (editorial, audiovisual); e tecnologia (biotecnologia, pes-

quisa e desenvolvimento e Tecnologia da Informação e Comunicação — TIC). Consumo se destaca por dobrar o número de trabalhadores formais entre 2004 e 2013 e por abrigar os setores criativos que mais cresceram no período. O maior avanço foi na publicidade (238,5%), em que o número de profissionais mais do que triplicou em apenas uma década. O segundo setor que mais cresceu no

período foi o de design, com crescimento de 104,3%. Os segmentos de tecnologia duplicaram suas forças de trabalho. Já a área de mídias tem mais de 100 mil profissionais criativos, com destaque para o segmento editorial, com crescimento de 82,5%. Na área de cultura, que cresceu 43,6% no período analisado pela Firjan, todos os segmentos avançaram, com destaque para patrimônio e artes (60,9%) e música (60,4%).